

A PÓS-GRADUAÇÃO E A PESQUISA CIENTÍFICA

O mundo só é mundo na medida em que é humano. A partir dessa afirmação, data a existência da equação entre o sujeito e o predicado da primeira oração, é na proporcional que vamos encontrar o elemento determinante da tomada de posição. Tentemos definir, pois, o que se entende por humano.

René Descartes, na sua tentativa de diferenciar o homem e o animal, nos demonstra que o traço disjuntor não reside numa Instância fisiológica periférica, mas na propriedade humana — e exclusivamente humana — de falar.

Enquanto os animais reagem constante e mecanicamente a um dado estímulo, a urforma determina que a linguagem seja um mecanismo universal capaz de responder de forma predizível a um conjunto de ocorrências Impredizíveis.

Dai se conclui que ser racional é estar capacitado a responder criativamente aos mais variados estímulos, fugir ao puro mecanicismo animal.

Ora, é aqui que humano e racional são dois conceitos isotópicos: à proporção que o homem entra em contato com a natureza — física e metafísica —, esta interação pode-se dar de dois modos: 1.º) através de um envolvimento, 2.º) através de um estranhamento.

O envolvimento determina uma interação homem/mundo, de forma subjetiva. O envolvimento põe-nos em contacto simples com as coisas em si, ou como definiu gostosamente Merleau Ponty, com "aquilo que vemos".

Já o estranhamento determina uma ruptura quase brutal entre o "ser vendo" e o "ser visto". Esta segunda forma de interação implica um aprendizado doloroso, sado-masoquista, daquelas coisas mais singelas que nos cercam e preenchem a nossa existência.

Tanto o envolvimento, quanto o estranhamento pressupõem, como elemento mediador, a linguagem. Mas, além da qualidade do aspecto gerativo-criador, que é a linguagem? A linguagem é uma forma de atuar sobre o mundo e, segundo Luiz Prieto, é um instrumento. Ora, em sendo um instrumento, que natureza e que função ou funções a caracterizam?

Só muito tardiamente, na história da humanidade, os sábios se puseram a meditar sobre tal problema. Não obstante, do Epítome Sumário à Gramática Estratificacional, o número de teorias e hipóteses sobre a linguagem tem formado um grande Caudal.

Humboldt afirmou que os séculos XVIII e início do XIX viveram dos juro das idéias desenvolvidas no século XVII. Não é exagero chamá-lo o século de gênio.

Ora, o que vem caracterizando o nosso século, desde Saussure, é uma inquietação constante e cada vez mais caleidoscópica da problemática da linguagem, tão cara ao século XVI. Essa inquietação equivale a um renascimento e se deve ao fato de se ter observado que todo fenômeno existencial humano só o é, só ocorre com, EM E ATRAVÉS da linguagem. E assim, das pesquisas de Lévi-Strauss ("O mito é uma espécie de Linguagem"), passando por Jacques Lacan ("A Linguagem fala o homem"), até chegar a Michel Foucault com a análise da sociedade como sendo instâncias do discurso, tem-se pretendido que, "au bout du chemin", a linguagem seja a gazua capaz de revelar segredos e dar respostas a problemas deixados, até agora, em pendente.

Isso tudo vai nos trazer, a nós lingüistas, toda uma parcela de importância no que tange ao desvelamento do saber humano. Mas também, em simultaneidade, é preciso que se diga, uma carga enorme de responsabilidades.

Se grandes pesquisas, de profunda complexidade e ressonância, vem ocorrendo nos mais diversos campos do saber tendo a linguagem como meio e meta, posto que estas pesquisas, em sua finalidade última, nada mais seriam que a própria linguagem se falando, nesta luta de idéias, onde nos situarmos? O que aprender? O que é formativo e o que é informativo?

Muitos são os que se sentem perdidos nesta verdadeira floresta de idéias que, a cada dia, devido aos meios de comunicação de massa, chegam rápida e avassaladoramente até nós, sofrendo por isso mesmo um processo de contestação e ultrapassagem altamente dinâmica e aterrador.

Atualmente como já frisei alhures, longe de ser um mal, isso nada mais é que um fenômeno característico do nosso século e que com maestria, foi analisado pelo sábio dinamarquês Knud Togeby, em sua monografia sobre a estrutura e a imanência.

Sobretudo essa inquietação, aliás invasora de todos os ramos do saber, existe devido à ausência de um critério dogmático do que seja verdade. Como é natural, o critério de verdade se estabelece a partir da existência de dois termos: a adequação e a coerência. Toda e qualquer teoria é

"verdadeira" desde que se adecue a uma gama ampla e variada de fenômenos e se pautar pelo critério da coerência na distribuição interna de seus princípios.

Assim, ao nos lançarmos, primeiramente, na compreensão da extensão e validade de uma teoria, é preciso que tenhamos em conta o fato de que a duração de sua validade, isto é, de sua "verdade", está circunscrita a uma questão de alcance e não — contradição e — é necessário ainda levar em conta — que toda a teoria traz no seu bojo a marca de sua própria ultrapassagem.

Não fosse isso, o quadro das ciências estaria encerrado, as idéias não formaríamos sistemas e o progresso, enquanto continuidade seria uma descoberta a se fazer.

Assim sendo, que parâmetros devo adotar diante de uma pesquisa em curso ou acabada, profundamente trabalhada ou de ponta?

No que se refere à pesquisa em si, três critérios epistemológicos se fazem sempre presentes:

- 1.º — o critério de coerência,
- 2.º — o critério de exaustividade,
- 3.º — o critério de simplicidade.

Sobre o critério de coerência ou não contradição já nos referimos acima; quanto à exaustividade é óbvio que teoria mais geral, mantido o critério de coerência, sobreleva uma teoria menos genérica; no que se refere à simplicidade, equivale dizer que uma teoria deve possuir todos os elementos necessários e somente todos os elementos necessários para analisar o corpus sob enfoque.

Esses três critérios se dispõem hierarquicamente, como está implícito em nossa exposição.

Ora, com isso se vê que aqueles que ingenuamente propugnam a validade de toda e qualquer teoria, só o fazem por comodismo ou inocência. O que distingue uma teoria de outra são justamente os três critérios que acima apresentamos e só o desconhecimento desses preceitos elementares levaria à afirmação de que toda e qualquer teoria é válida e aceitável, sendo que a diferença entre elas é de ordem idiossincrática e não imanente.

Mas em termos pessoais, o que leva ou levaria um estudioso a escolher tal ou qual enfoque?

Creio que há três perguntas simples capazes de determinar critérios:

- 1.º — o quê?
- 2.º — para quê?
- 3.º — Como?

A pergunta "o que pesquisar?" tem como resposta um cunho vocacional. Uma vez acabada a frase formativa de um curso qualquer, todo estudioso, desejando prosseguir seus estudos, logicamente não ficará o resto

de sua existência simplesmente acumulando ou armazenando conhecimentos. É sabido que a partir de uma dada fase da vida escolar o continuar a assistir aulas equivale a um retrocesso.

Assim, todos os novos alunos que nesse semestire iniciam o seu curso de pós-graduação estão entrando numa nova fase de suas vidas, em que o objetivo perseguido é a pesquisa: eis o "o quê".

Aqui, no devido momento, lhes serão, apresentadas as mais diversas teorias e, naturalmente, cada uma delas ao mesmo tempo que primam num determinado aspecto é ultrapassado por outra num outro determinado ponto.

Através dos meses de cursos aqui transcorridos, os senhores deverão ser capazes de optar por um dos modelos aqui apresentados, procurando o mais possível fugir ao espírito eclético, que por eclético carece do aspecto criador.

A questão "para quê" envolve problemas de ordem ético-moral e está justamente na base dos novos frutos que os senhores serão capazes de produzir a partir daquilo que lhes será apresentado nesta Casa.

Naturalmente o para quê está em estreitíssima relação com o "como". A geração "ex nihilo" não passa de um mito e nosso curso só produzirá elementos de real valor na justa medida em que formos capazes de lhes dar fundamentos a fim de que os senhores sejam capazes não só de comer o peixe, mas também de pescá-lo.

Com a devida vênia gostaria — e creio que é o momento oportuno — de chamar atenção para um cacoeite tupiniquim já bastante difundido: se há um defeito bem nosso, é o que diz respeito a uma certa audácia que consiste no famoso autodidatismo aliado à capacidade de falar de coisas sem um conhecimento prévio maior.

Há dias, soube de um artigo publicado na imprensa do Rio de Janeiro, em que o autor "pretendia" acabar com a querela do Estruturalismo. De cara, é preciso que se veja o absurdo e o ridículo da coisa: O Estruturalismo é uma discussão eminentemente francesa e só eles, no centro das diversas linhas de força que lá interagem, poderão pôr fim a tal debate.

Por outro lado, é comum vermos um livro mal sair do outro lado do Atlântico e já aqui ser debatido e condenado com autoridade magistral. Professores que mal leram a contra capa de um Julien Greimas se propõe a erigir teses sobre os conceitos aí emitidos.

Assim, é preciso que, além dos perigos naturais e inerentes à pesquisa científica, nos resguardardemos desses escolhos colaterais — mais perigosos que os inerentes à própria pesquisa — capazes de transformar aquela força criadora chamada Urforma em puro mecanicismo basbaque e repetitivo.

Se por outro lado a pesquisa no Brasil é algo eminentemente incipiente, por outro lado isso não nos exogera do dever de, cada vez e com mais rigor, nos conscientizarmos da necessidade de uma pesquisa realmente digna desse nome, autóctone e sem concessões.